

Editorial

O VOTO DOS JOVENS

Um ano depois das manifestações de 2013, só 25% dos jovens com 16 e 17 anos, em condições de votar voluntariamente, tiraram o título de eleitor e vão votar em outubro próximo. O número é uma confirmação da sua descrença com a política tradicional. Com a política propriamente, não. Eles foram os primeiros a irem às ruas, há um ano, para demonstrar sua inconformidade com os rumos da política brasileira. A atitude pegou de surpresa a sociedade, acomodada ou conformada sob o eco da propaganda oficial. Os jovens tiveram a sensibilidade de ver o que se passava e ir contra a corrente. O estopim foram a Copa e seus gastos, em comparação com a má qualidade dos serviços públicos prestados pelos governos. Mas esse sentimento dos jovens já vinha de bem antes. Desde 2006, o registro de emissão de títulos eleitorais de jovens com idade para votar voluntariamente vinha caindo. Naquele ano, os eleitores facultativos eram 39% da população com menos de 18 anos. Em 2010, o índice baixou para 32%. Agora, chegou a 25%. A explicação para isso é a pequena política que é praticada no Brasil. Os jovens parecem não acreditar no sistema representativo. Daí para a indiferença com relação às eleições é um passo. Eles não veem o voto como um meio de transformação do país. A causa disso são os políticos e os partidos. Ambos não são capazes de conquistar a juventude para a participação política. Entrevistado, um jovem declarou que não via nenhum nome ou legenda que o representasse politicamente. Para completar, há o Legislativo submisso. O protesto é a forma de sermos ouvidos, disse outro jovem. Ele acredita mais na ocupação dos espaços públicos para se manifestar do que no voto. Pela primeira vez na história, há mais eleitores com mais de 60 anos do que com idades entre 16 e 24 anos. Essa tendência pode influir nas eleições. Conservador, esse eleitorado pode votar na continuidade, e não na mudança.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Mediolì
PRESIDENTE	Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL	Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA	Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL	Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING	Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Isabel Santos
GERENTE DE ASSINATURAS	Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORIA EXECUTIVA	Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO	Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO	Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM	Renata Nunes
EDITORES	Opinião: Victor de Almeida Economia: Karlon Aredes Política: Carla Kreefft Magazine: Silvana Mascagna Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla Esportes: Denner Taylor Cidades: Marina Schettini Primeira: Frederico Duboc Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Papete, a expressão do sagrado do São João maranhense

Um dos cinco maiores do mundo, por sua técnica no berimbau

Retornei ao Maranhão, “meu tesouro, meu torrão”, num período festivo, época de são João, de muitas danças, como tambor de crioula, danças portuguesa, francesa, cigana, do coco, lelê e cacuriá, e quadrilhas puxadas em francês impecável, numa diversidade de ritmos e de vestuários que encanta, nas quais o centro é de fato a ópera de rua encenada pelos batalhões de bumba meu boi com inebriantes sotaques – de orquestra, de matraca, de zabumba, de batida costa de mão... Sem falar que, em cada arraial – local de celebração dos festejos juninos –, se exhibe a orgia culinária da ilha de São Luís: bebidas e comidas da época e as típicas, como arroz de cuxá, tortas de camarão e de caranguejo... Melissa Alecrim, em “Bumba Meu Boi é Pura Cintilância”, relembra que é uma ópera popular surgida no século XVI, tipificada como um bailado popular dramático; um auto genuinamente brasileiro, sem similar em Portugal e na África, em que se mesclam teatro, dança, música e circo; o “couro do boi” é ricamente bordado, de brilho incomum e beleza deslumbrante, com brincantes de vestes cintilantes: brilhos, sedas, canutilhos, miçangas, paetês, purpurina, plumas, fitas e fitas... Paulo Melo e Sousa frisa que “unindo a religiosidade, o misticismo, os ritmos, a beleza e a riqueza de elementos culturais, o bumba meu boi do Maranhão se destaca no panorama nacional. Por essa razão, a brincadeira foi considerada pelo Iphan patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2008”. Como não há ser humano capaz de ir a todos os arraiais, decidi ir ao ar-

raial da praça Maria Aragão no dia 19, onde assisti ao show de Papete e aos bois de Nina Rodrigues e de Pindaré. No dia 20, fui ao arraial do Parque Folclórico da Vila Palmeira, onde assisti ao Boi Meu Tamarineiro de Ribamar e ao Boi da Lua, uma grande paixão. Papete (José de Ribamar Viana), beirando os 67 anos (8.11.1947, Bacabal, MA), que eu havia visto no Teatro Artur Azevedo, no fim da década de 1980, estava apoteótico, botando todo mundo para cantar e dançar no arraial da praça Maria Aragão. Época de muitas danças, como tambor de crioula, portuguesa, francesa, cigana, do coco, lelê e cacuriá, e quadrilhas puxadas em francês impecável Foi um show emocionante. É impossível para um maranhense não associar “Chora, Boi da Lua”, composição de César Teixeira, a Papete: “Meu são João.../ são João, meu são João/ Eu vim pagar a promessa/ De trazer esse boizinho/ Para alegrar sua festa/ Olhos de papel de seda/ Com uma estrela na testa... Chora, chora/ Chora, boi da lua, vem pedir uma esmola/ Pra aquela boneca de anil/ Mamãe, eu vi boi da lua/ Dançar no planeta do Brasil”. O “Dicionário Cravo Alvim da Música Popular Brasileira” registra que, “entre 1979 e 1981, Papete foi músico em shows de Toquinho e Vinicius de Moraes e, de 1982 a 1992, acompanhou To-

quinho em 482 shows, em turnê por 18 países”. E que “atuou em shows e gravações com Rosinha de Valença, Marília Medalha, Hermeto Pascoal, Osvaldinho da Cuíca, Toquinho e Vinicius, Benito de Paula, Inezita Barroso, Diana Pequeno, Renato Teixeira, Almir Sater, César Camargo Mariano, Rita Lee, Sadao Watanabe, Angelo Branduardi, Andreas Wollenweider, Ornella Vanone e Alex Acuña”. Papete, um dos cinco maiores percusionistas do mundo, com destaque internacional por sua técnica no berimbau, é também compositor e cantor; e é joia rara da música maranhense, com uma ligação afetiva e musical com os folgedos juninos. Desde 1990, acompanhado de sua própria banda, interpreta músicas do Maranhão, ao mesmo tempo em que desenvolve “pesquisa, registro e divulgação das obras de compositores maranhenses”.

